



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**WALDECY CASTRO**

**(depoimento)**

**Timóteo - MG**

**2022**

**LECCORPO-CEFIS-UNIVASF**

**ESEFID - UFRGS**

**Projeto:** Ipatingão: o nascimento de um estádio de futebol na Região Metropolitana do Vale do Aço no contexto da ditadura civil-militar

**Número da entrevista:** E-769

**Entrevistado:** Waldecy Castro

**Nascimento:** 02/11/1962

**Local da entrevista:** sede do jornal *Diário do Aço*, Timóteo-MG

**Entrevistadoras:** Luiza Aguiar do Anjos, Júlia Ribeiro Junqueira e Maria Paula Miranda de Souza Montovani Gasparini

**Data da entrevista:** 18/11/2022

**Transcrição:** Jéssus Matozinhos da Silva Junior e Maria Paula Miranda de Souza Montovani Gasparini

**Copidesque:** Júlia Ribeiro Junqueira e Luiza Aguiar do Anjos

**Pesquisa:** Luiza Aguiar do Anjos, Júlia Ribeiro Junqueira, Jéssus Matozinhos da Silva Junior e Maria Paula Miranda de Souza Montovani Gasparini

**Revisão final:** Júlia Ribeiro Junqueira e Luiza Aguiar do Anjos

**Total de gravação:** 43 minutos e 48 segundos

**Páginas digitadas:** 18 páginas

**Observações:**

*O entrevistado não realizou alterações após a leitura da entrevista transcrita.*

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: CASTRO, Waldecy. Entrevista concedida por Waldecy Castro ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador/a: Luiza Aguiar do Anjos, Júlia Ribeiro Junqueira e Maria Paula Miranda de Souza Montovani Gasparini. UNIVASF, UFRGS, TIMÓTEO (MG), 18 nov. 2022, 18p.

## **Sumário**

Atuação como jornalista esportivo; futebol amador em Ipatinga na década de 1970 e 1980; desejo de ter uma equipe profissional em Ipatinga; sonho de ter um estádio de futebol em Ipatinga; investimentos para construção do Ipatingão; aspectos políticos que influenciaram o desenvolvimento e conclusão das obras; relação do Estádio Ipatingão com o Programa CURA.

Timóteo, 18 de novembro de 2022. Entrevista com Waldecy Castro a cargo das pesquisadoras Luiza Aguiar dos Anjos e Júlia Ribeiro Junqueira para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.A. — Primeiro, queria que você falasse um pouco da sua atuação como jornalista na década de 1980, o período que antecedeu a construção do Ipatingão.

W.C. — É um prazer participar desse projeto de pesquisa de Iniciação Científica, sabendo que o CEFET é uma referência na região, em Minas Gerais e em todo o Brasil de formação de talentos em diversas áreas. Eu sei porque na minha família já tive sobrinho formado lá e está muito bem sucedido na vida. É, a questão da minha atuação no jornalismo regional... Eu sempre acompanhei, na verdade, eu sempre fui um piolho<sup>1</sup> de rádio, inclusive da rádio Educadora dos anos de 1970 e poucos. A rádio Educadora iniciou em 1968 e, mesmo morando na roça, em Marliéria, eu acompanhava muito e tinha um sonho de me inserir no jornalismo por meio do esporte e isso aconteceu em meados de 1979, quando eu vim para o *Diário do Aço*<sup>2</sup>. Eu tinha dezessete anos de idade e tive oportunidade de trabalhar nessa área de esporte e aí comecei a acompanhar mais *in loco* o esporte e, mais especificamente, o futebol do Vale do Aço. O futebol sempre foi o esporte mais popular do Brasil e, nessa época, no Vale do Aço, não era diferente, então acompanhava o esporte amador, sempre foi muito forte o futebol amador de Timóteo, com o Campeonato Acesitano muito forte, muito disputado; o Campeonato Ipatinguense, também disputado na época, com mais de 40 equipes de futebol amador, tendo categoria juniores, juvenil, infantil e o amador, também muito disputado, envolvendo não somente as equipes de Ipatinga bem como de outras cidades vizinhas, porque a Liga de Futebol de Ipatinga, a Liga de Desportos Ipatinga, que é dos idos de 1966, ela agrega também clubes de cidades vizinhas como Belo Oriente, Santana do Paraíso, Caratinga, Ipaba. Enfim, então sempre foi um campeonato muito disputado e muito abrangente. E nisso o desporto regional foi crescendo. No início dos anos de 1970, teve dois sonhos de futebol profissional na região, dois sonhos que chegaram até certo ponto a serem idealizados e tentados. Um foi o primeiro com o Acesita Esporte Clube, em Timóteo. O Acesita chegou a disputar a chamada segunda divisão do Campeonato Mineiro de futebol

---

<sup>1</sup> Gíria que faz referência a quem acompanha algo de forma próxima e frequente.

<sup>2</sup> Jornal *Diário do Aço*.



profissional, era financiado pela antiga companhia Acesita, a empresa então viu que aquilo ali, financiar futebol, não iria trazer tanto retorno quanto fabricar aço, aços especiais, aí parou de financiar o Acesita Esporte Clube e voltou ao futebol amador. E, depois, veio a USIPA, a Associação Esportiva e Recreativa Usipa, no final dos anos de 1960, e no início dos anos de 1970, já financiada pela USIMINAS, era um projeto da USIMINAS. A USIPA disputou a segunda divisão do Campeonato Mineiro e chegou a disputar também a primeira divisão, inclusive tem um marco na história da Associação Esportiva e Recreativa Usipa no futebol, uma vitória sobre o Cruzeiro<sup>3</sup> dentro do Mineirão<sup>4</sup>, por 3 a 1, e isso foi o maior feito do futebol na USIPA. Na época, o Cruzeiro era o maior time do Brasil, ele havia sido campeão da Taça Brasil, que era o Campeonato Brasileiro em tempos atuais, com Tostão, Dirceu Lopes, Raul, um escrete que o Cruzeiro tinha. Então a USIPA marcou essa época no futebol, mas, posteriormente, a USIMINAS arrefeceu o financiamento do futebol da USIPA. Aportar dinheiro vivo no futebol é um saco sem fundo, então ela preferiu investir mais no clube USIPA e em outros segmentos como judô, como basquete, atletismo, enfim, e o futebol da USIPA voltou a ser também o futebol amador, disputando novamente o campeonato amador ipatinguense. Então esse contexto todo do futebol amador ipatinguense, de Timóteo, de Fabriciano<sup>5</sup>, menos até, mas muito popular, esses sonhos anteriores do Acesita e da USIPA de terem sido profissionais, então Ipatinga tinha aquele sonho de ter um time profissional. Aí falou “Como é que nós vamos ter um time profissional sem depender da usina?”, vamos dizer assim, aí surgiu a ideia de se fazer um estádio. Não se criou o time, mas primeiro construiu o estádio, então o Estádio do Ipatingão surgiu, quer dizer o Estádio João Lamego Netto, o Epaminondas Mendes Brito, o batismo inicial dele. Surgiu a ideia de fazer um estádio no contexto ali da intervenção no bairro Iguazu, iniciando o Parque Ipanema, num sonho de futuramente de ter futebol profissional na região. Essa foi a realidade. O Ipatingão não surgiu da paixão dentro do futebol amador, não. Ele foi um sonho do futebol profissional futuro.

L.A. — Você acha que a expectativa dessa equipe profissional que viria a reboque da construção do estádio era que eventualmente a Acesita e USIPA retornassem ou você acha que havia expectativa de que um novo clube emergisse?

---

<sup>3</sup> Cruzeiro Esporte Clube.

<sup>4</sup> Estádio Governador Magalhães Pinto.

<sup>5</sup> Coronel Fabriciano.

W.C. — Não, era expectativa de criar um outro clube. Eu cheguei até ir, em certa feita, em Belo Horizonte, em 1980 e... Logo depois da inauguração do Ipatingão, deve ter sido oitenta e dois ou oitenta e três ainda, oitenta e três, que houve a reunião com o então presidente do Cruzeiro, Felício Brandi, dono de uma empresa de massas lá em Contagem. Ele fez essa reunião lá, que o Cruzeiro emprestaria jogadores para se montar um time profissional em Ipatinga, que a Liga de Ipatinga seria a mentora ou gestora desse clube, mas era uma coisa muito desorganizada, era só uma ideia, não tinha ninguém que tinha a vivência, experiência ou formação de se trabalhar no profissional. Então chegou-se lá, eu próprio participei da reunião, ainda era garoto, mas eu já estava no jornal, eu não percebi nenhum interesse dele. Fomos até, na época, participamos do programa na extinta TV Itacolomi, que hoje é até a TV Alterosa, falando desse futebol profissional, enfim, mas que era um sonho do então presidente da Liga de Futebol daqui, Raimundo Bento Barbosa, de apelido Zé do Povo, e do Itamar Vasconcelos, que também era um apaixonado pelo futebol. Enfim, era um sonho que, na verdade... era só sonho, não tinha capacidade de materializar exatamente pelo amadorismo das pessoas que estavam à frente.

J.J. — Mas, no caso, Waldecy, a gente tem algumas fontes em que aparece um princípio já de obras da construção de um estádio no início da década de 1970, ou seja, bem antes desse momento aí entre setenta e nove, oitenta e oitenta e um. Você tem alguma informação sobre isso?

W.C. — Não, ao que me consta que o Ipatingão começou a ser... foi na gestão do João Lamego Netto, que foi prefeito de Ipatinga em 1976, ou setenta e sete, não me recordo, até 1982, e ele fez as grandes intervenções de obras em Ipatinga, como as grandes galerias de escoamento de água pluvial dos bairros, enfim, e a grande intervenção no bairro Iguaçu, que tinha o nome na época... daqui a pouco eu lembro como é que se chamava aquela região do bairro Iguaçu, para baixo do Iguaçu, bem próximo ao Ipatingão. Então o desaterro daquela área, da expansão do bairro Iguaçu, e já de um pré-projeto do Parque Ipanema, eles não sonhavam com o Parque Ipanema. O Parque Ipanema se materializou depois. Na verdade, surgiu como um desaterro enorme lá naquela região do bairro Iguaçu, falou “Aonde que nós vamos jogar essa terra? Como nós vamos fazer isso?” Aí é que surgiu a ideia “Vamos fazer um estádio aí pra poder ter essa...”, já tinha aquele sonho de ter o futebol profissional, enfim,



era uma coisa muito amadora, muito... de afogadilha, fazer uma coisa muito... sem planejamento futuro. As obras de estruturação da cidade sim, foram obras estruturantes de grande visão de futuro mesmo, tanto que hoje Ipatinga não tem problema de inundação desde o Bom Jardim até o centro da cidade, não tem porque foram feitas galerias de três, quatro metros de altura por cinco de largura, então nessas grandes obras de intervenções e que desaguou, claro, onde hoje é o Parque Ipanema. Esse grande desaterro lá acaba fazendo uma expansão do bairro Iguaçu e do bairro Novo Cruzeiro, é que surgiu essa ideia de fazer aquela área enorme lá, de se fazer... Começou a escavar, escavar, jogando terra, jogando terra, não tinha onde jogar terra para muito longe, a dificuldade de Ipatinga de áreas... Aí foi jogando a terra e foi surgindo aquela ideia “Ah vamos fazer um estádio aqui”, a lenda conta isso.

L.A. — Para além dessa certa conveniência da terra e desse sonho, têm outros aspectos que você identifica na relação desses projetos mais amplos urbanísticos da cidade, o projeto CURA, em especial, com a construção do estádio?

W.C. — Com certeza, mas é o sonho de grandeza. Ipatinga é uma cidade que nasceu e sempre... a vocação, nem sonho, é vocação de grandeza de cidade grande. É a maior cidade do Vale do Aço, nasceu com essa pujança da USIMINAS, que foi por muitos anos a maior empresa de produção de aço da América Latina. Então esse investimento da usina nos bairros dela e também nas outras áreas, “do lado de lá da linha” que eles falavam. Os bairros da usina são o Cariru, o Bom Retiro e por aí vai, onde moravam os chefes, que é o bairro Castelo, enfim, então do lado de cá houve essa vocação. E a cidade sempre arrecadou muito dinheiro, arrecadava-se muito dinheiro, como arrecada até hoje, então a estruturação da cidade, tanto do lado de cá meio que ciúme também e uma certa rivalidade com a usina, ela propiciou também esse crescimento. E um dado marcante nessa rivalidade foi a inauguração do Estádio Ipatingão. O que foi a inauguração do Estádio Ipatingão? É um jogo do Cruzeiro contra a seleção de Ipatinga, vencida pelo Cruzeiro por 3 a 1, dois gols do Eudes<sup>6</sup>, primeiro gol do Eudes de falta, no gol do lado do Parque Ipanema. A USIMINAS, na época, envolveu com política, ela tinha um sonho também de ter o prefeito da cidade. Ela lançou um candidato dela que é o Zequita<sup>7</sup>, que tinha sido presidente do SINDIPA<sup>8</sup>. Ela lançou o Zequita como

---

<sup>6</sup> Eudes Lacerda Medeiros.

<sup>7</sup> José Onofre “Zequita” Ribeiro.

<sup>8</sup> Sindicato dos Metalúrgicos de Ipatinga e Região.



candidato e, do de lado de cá, o João Lamego tinha o candidato dele que é Luiz Carlos Bromonschenkel, então vereador da cidade, e um terceiro candidato era o que veio como a terceira via, vamos chamar assim, que é o Jamil Selim de Salles, que acabou vencendo a eleição. E nessa disputa aí, na inauguração do Ipatingão, o João Lamego, de afogadilho, e os seus companheiros políticos, fizeram essa inauguração do estádio às pressas, no dia 13 de novembro de 1982, faltando dois dias para a eleição, porque a eleição naquela época era 15 de novembro. Então o estádio não estava pronto, não tinha o muro em volta, as cabines de rádio não se tinham, os vestiários estavam todos ainda em precárias condições... Mas montou-se aí a seleção de Ipatinga, mas como houve essa inserção da USIMINAS na eleição, os clubes que eram ligados a ela, os clubes de futebol amador, no caso, a Associação Atlética Aciaria, já extinta, que tem a sede onde é o Ipatinga Futebol Clube, hoje, no Cariru, e a USIPA e o Jabaquara, que eram os clubes grandes da cidade, de maior poder de investimento, aí os chefes da usina todos tinham ligação com os times de futebol amador, eles fichavam os jogadores na Usina para jogar futebol, basicamente. Então a USIMINAS vendo que aquela festa de inauguração do Ipatingão seria uma festa para o candidato do João Lamego Netto, Luiz Carlos Bromonschenkel, o que ela fez? Ela boicotou a seleção de Ipatinga, os jogadores já todos convocados e ela colocou todos os jogadores para trabalhar no dia do jogo, escalou todo mundo para trabalhar, não deixou jogar, e o que teve que fazer? Teve que se formar outra seleção, de jogadores dos times do lado de cá da linha, jogadores do Iguazu, do Clube Esportivo São João do Oriente, jogadores do Oriente, jogadores do Ideal, jogadores do Faixa Azul, que era da área do centro da cidade, jogadores do União, então fizeram ali uma seleção de menor poder técnico para enfrentar o Cruzeiro. Foi até... o Cruzeiro deu um chocolate, então mostra um primeiro confronto, mesmo, entre a força da Usina e a questão do crescimento próprio de Ipatinga, da ala política sempre querendo ser independente.

L.A. — E aproveitando que você está falando desse contexto da primeira inauguração, que aspectos você acha que influenciaram, nos anos seguintes, a demorar tanto para a obra ser efetivamente concluída?

W.C. — Primeiro foi a derrota do candidato do João Lamego, Luiz Carlos Bromonschenkel, que o projeto era ele continuar. Venceu o Jamil Selim Sales, que não quis continuar a obra com o argumento de que não havia recursos. Na realidade tinha, mas a questão é que ele não queria dar sequência numa obra que tinha sido iniciada com o antecessor dele, o João



Lamego. E era uma rivalidade política, mas assim ferrenha dos dois. Então deixou-se aquilo de lado... O Jamil gostava de cavalgada, ele tinha no centro de Ipatinga uma área, ele investiu muito na cavalgada, onde é o Sete de Outubro<sup>9</sup> hoje, tinha uma área de cavalgada, então investiu-se muito em cavalgada, e no próprio futebol amador mesmo. Esqueceu o Ipatingão e ele virou lá um elefante branco, até que ele foi, mais pra frente, foi sendo convencido, convencido, aí o João Lamego saiu do circuito, o Bromonschenkel ficou lá, e alguém convenceu ele de que aquela obra precisava ser terminada até por uma questão de ele estar deixando um patrimônio público se depreciar e ser depredado, e aí que se decidiu fazer outra inauguração, vamos dizer assim. Na realidade, em um primeiro momento não se tocou a obra exatamente pela rivalidade política, nada mais.

J.J. — E era por investimento do município mesmo?

W.C. — Sempre, todo o investimento... Aquela ali...

J.J. — Em alguns documentos começou a aparecer que, quando iniciou o Programa CURA, ele começou de alguma forma a também ser utilizado, uma parte do seu dinheiro, para finalização de algumas obras. Isso não chegou no estádio, não?

W.C. — Pois é. Isso é difícil de saber, né? Porque, à época, não existia a lei de responsabilidade fiscal... A gente costumava dizer que o prefeito andava com talão de cheques da Prefeitura no bolso e com um tesoureiro do lado e os dois assinavam ao mesmo tempo. A gente não tem muita informação a respeito disso. Eu acredito que tenha sido utilizado bastante recurso até porque os engenheiros responsáveis pela obra são os mesmo engenheiros que trabalharam nessas obras de grandes infraestruturas na cidade, na época um deles é o Epaminondas Mendes Britos, que até emprestou o nome ao estádio, que morreu de câncer pouco tempo depois, entendeu?

L.A. — No que você recorda, o financiamento inteiro da construção do estádio foi com recursos próprios?

---

<sup>9</sup> Centro Espaço Cultural 7 de Outubro.



W.C. — Recursos próprios, recursos próprios. Vamos falar que, hoje, a gente chama na modernidade da administração... algumas permutas de transação de impostos, alguma coisa assim, mas tudo aportado pela prefeitura. A empresa contratada era contratada pela prefeitura, os engenheiros responsáveis, contratados pela prefeitura, grande parte da mão de obra de limpeza, aquela coisa, maquinário da prefeitura... Basicamente tudo da prefeitura.

L.A. — E dando uns passos atrás aqui, fazia parte da sua rotina como jornalista cobrir a construção do Ipatingão, esse evento, enfim, que vai acompanhando ao longo dos anos?

W.C. — Eu cheguei a ir lá por duas ou três vezes e, na realidade, na época, eles não deixavam muito não. É... faziam uma certa restrição [risos], como se estivessem construindo um castelo e fazer uma surpresa para a comunidade. E era uma obra, vamos dizer assim, no final, tocada com uma pressa absurda, as arquibancadas foram terminadas, assim, construídas de concreto, muito às pressas, e não tinha muita abertura para isso não. A prefeitura tinha assessoria de imprensa já na época, já havia um assessor de imprensa que eu não quero nem citar o nome dele aqui agora, mas, na época, ele acompanhava, mas não tinha a menor preocupação. Eles preferiram desaguar tudo na festa de inauguração, aquela questão da surpresa de abrir a cortina do castelo, na realidade buscando o intento político. E, no dia da inauguração, não tinha menos que umas trinta e cinco a quarenta mil pessoas ali não! Tinha gente pisando num... apinhada! Não tinha o muro em volta, então do lado de cá da BR, você tinha gente como nunca vi!

L.A. — Como você acha que foi recebida essa ideia de construir um estádio naquele período? A população comprava a ideia desse sonho?

J.J. — Porque é um estádio muito grande para uma cidade que não tinha nenhuma tradição e nenhum futebol profissional. Então isso chama atenção em comparação a outras cidades do interior que não têm um estádio igual.

W.C. — Valadares<sup>10</sup>, por exemplo. Tem muito mais tradição no futebol, o Democrata<sup>11</sup> tem... Já naquela época, o Democrata já disputava o Campeonato Mineiro. Em 1971 chegou

---

<sup>10</sup> Governador Valadares.

<sup>11</sup> Esporte Clube Democrata.



a ser campeão da Taça Minas Gerais, e o estádio do Democrata comportava, na época, cinco mil pessoas. Aqui fizeram um estádio de quarenta mil. Mas a população aprovou. E eu penso que um dos motivos que fez com que o Jamil, depois, digamos, autorizasse a sequência da obra para ser concluída foi exatamente esse desgaste que estava tendo de ter um patrimônio público que foi recebido pela comunidade com muita simpatia e... um gigante, na verdade, né? Uma obra estrutural muito grande, ela era um cartão postal de uma cidade, em um país que o pessoal é apaixonado por futebol. Então aquele desgaste fez com que ele também tocasse essa obra para fazer outra inauguração... A população deu absoluta aprovação.

L.A. — E teve oposição também em meio a essa aprovação? Havia também opositores, seja à própria construção, seja ao tamanho dela.

W.C. — Muito, vamos dizer assim, muito incipiente, assim, da própria corrente política ligada ao Jamil, que não gostava de futebol... era um turco, ele era chamado de turco, ele é filho do Sr. Selim de Salles<sup>12</sup>, então não gostava de esporte, o negócio dele era cavalo e fazenda, então ele não era muito ligado, não gostava muito dessa área de futebol, não. Então a oposição, vamos dizer assim, era ligada a eles.

L.A. — Você citou Valadares, por exemplo, você acha que alguma rivalidade regional pode ter influenciado também nessa ideia de “vamos construir um grande estádio pra gente se mostrar maior do que outras regiões”?

W.C. — Sem dúvida, sem dúvida. Ipatinga desde sempre tem uma rivalidade com Governador Valadares. Até... Sempre, alguns ipatinguenses mais antigos gostam de debochar de Valadares chamando de “a Figueira do Rio Doce”, que é o primeiro nome que Valadares teve. A Figueira do Rio Doce, né? Então, isso também contribuiu, não tenha dúvida, para uma obra de grande porte para poder... confrontar com Valadares, falar, dizer também que “somos maiores do que vocês”.

L.A. — E que pessoas você acha que foram importantes nesse processo de construção do estádio?

---

<sup>12</sup> Selim José de Salles.



W.C. — Eu penso que os engenheiros que trabalharam na obra, o próprio Epaminondas Mendes Brito, que deu o nome do estádio.

J.J. — Que foi vereador também, né?

W.C. — É, ele chegou a ir para a política, é. Ele chegou em Ipatinga, veio de Belo Horizonte, chegou e se inseriu nesse trabalho de reestruturação da cidade.

J.J. — Programa CURA?

W.C. — É, foi criada a empresa "Companhia Urbanizadora Vale do Aço", a CURVA. Eles eram os gestores e tinha o Weber Americano, que, posteriormente, foi até... Ele é de Dionísio. Foi prefeito de Dionísio até algum tempo atrás. O Weber mora hoje em Belo Horizonte... Mais outros engenheiros... e eles foram sim, eu penso que foram os grandes mentores e responsáveis. O prefeito João Lamego é um sonhador, não entendia nada de nada, ele era um farmacêutico antigo na cidade. Tinha uma farmácia na rua Vinte e Oito de Abril. Ele se popularizou vendendo remédios para os outros... farmacêutico era médico na época, então o João Lamego era apenas um sonhador, não entendia nada de nada, nem de bola ele entendia, mas ele era um político populista, então vendo que o futebol seria também [trecho inaudível]... mas então os engenheiros que são responsáveis também por esse projeto de estruturação de Ipatinga, esses foram os grandes responsáveis pela concepção desse... do chamado gigante Parque Ipanema.

L.A. — E teve outras figuras políticas, inclusive de fora de Ipatinga, do estado de Minas, da própria presidência da República, enfim, o que você acha que contribuiu para isso ou era um projeto mais local mesmo?

W.C. — Projeto muito local, muito local, bem bairrista mesmo, bem local, uma coisa bem local mesmo e até porque nessa época, em Uberlândia, construíram o estádio dele, o estádio Parque do Sabiá, mais ou menos nessa época, um pouquinho antes. O Uberaba fez o estádio Uberabão, que é menor que o Ipatingão, também mais ou menos nessa época, mais bem projetado, bem localizado mesmo, os três grandes estádios foram construídos na mesma época, foram esses... o de Uberlândia, de Uberaba e o Ipatingão. Sendo que o Uberlândia e



o Uberaba já tinham um time de futebol em atividade há décadas. Só que Ipatinga é uma cidade muito nova também.

L.A. — E esse fato de outros estádios estarem sendo construídos, você acha que de algum modo influencia nesse desejo?

W.C. — Sem dúvida! A vocação de Ipatinga de buscar grandeza e pujança é... sempre foi isso também, com certeza. E esses engenheiros foram visionários na cidade, embora tivesse muito recurso, mas dinheiro mesmo... mas as obras anteriores que teve em Ipatinga foram obras seculares.

J.J. — Algum desses engenheiros ainda é vivo? Pois o Epaminondas já faleceu. Outro engenheiro ainda é vivo?

W.C. — O Weber Americano sim, ele mora em Belo Horizonte. Como eu disse, ele é de Dionísio, já foi até prefeito de Dionísio entre 2008 e 2012... Tenho até o número de telefone dele.

L.A. — Nossa, vou até te pedir [risos].

W.C. — Pode falar que eu que passei, ele é meu amigo, pessoa muito acessível. Está um pouco doentinho agora, mas muito lúcido ainda, talvez tem... Não sei se ele consegue vir cá, ele tem vindo muito pouco a Dionísio.

L.A. — A gente pode ir lá, não tem problema [risos]. “Se Maomé não vai até a montanha, a montanha vai até Maomé”. E você acha que, direto ou indiretamente, a USIMINAS influenciou na ideia desse projeto, na viabilização do projeto de construção do estádio?

W.C. — No meu conhecimento não, pelo contrário...

J.J. — Em nenhum momento? Nem quando eles começaram a pensar que teria aquela quantidade de terras disponíveis... A ideia talvez de algum estádio...



W.C. — Não.

J.J. — Não houve nenhum contato com a USIMINAS para ver se ela poderia também...

W.C. — Não, a USIMINAS não. Esse projeto do futebol para ela era alguma coisa bem arraigada dentro dos clubes dela, da Usipa, da Aciaria, do Jabaquara, do Vila Ipanema, do...

J.J. — Mas para ela não seria interessante ter o estádio justamente para...

W.C. — Mas a visão da época era mais estatal, ela era estatal, então era completamente voltada para... Não tinha uma assim... e tinha rivalidade com o lado de cá, chamado do “lado de cá da linha”, inclusive que culminou com essa questão dela lançar um candidato, tentando dominar a cidade literalmente por meio de um “boneco” dela na prefeitura.

J.J. — Foi aí que surgiu a rivalidade entre a cidade espontânea e a cidade planejada então?

W.C. — Exatamente.

L.A. — Você estava citando alguns clubes, esses clubes eram todos ligados a USIMINAS? Não apenas a Usipa, mas os outros também?

W.C. — Eles eram ligados à USIMINAS... Associação Atlética Aciaria, Vila Ipanema Esporte Clube, Jabaquara Esporte Clube, o Industrial Esporte Clube, todos esses clubes têm ligações intrínsecas com a USIMINAS, ou seja, os presidentes eram funcionários, eram engenheiros da USIMINAS, chefes da USIMINAS, os vice-presidentes, os conselheiros, os jogadores, todos trabalhavam na usina ou nas empresas terceirizadas, até os treinadores, então os times eram os times da usina. Depois da privatização que houve um... foi soltando, não havia sentido também ficar segurando... Tá dentro do futebol amador, levando eles para dentro da usina, porque acabou dando muito conflito, porque o cara que jogava na Usipa ou no Aciaria ou no Jabaquara ou no Industrial, ele tinha privilégios. Ele podia sair no que era chamado de sete às quinze, ele não ia trabalhar e o chefe abonava o dia dele para ele ir jogar futebol ou ele saía mais cedo ou, se ele machucava, não trabalhava. Então essas coisas vão... Enquanto era uma empresa estatal, passava o pano, né? Mas a partir que privatizou, a



empresa apertou, embora o Reinaldo Campos, que virou presidente após a privatização, gostasse muito de futebol e até ajudou depois o Ipatinga Futebol Clube e ajudou na estruturação do Ipatingão depois. Ele já era uma pessoa mais ligada.

L.A. — E você acha que uma vez pronto o Ipatingão, ele influenciou no desenvolvimento do futebol na região?

W.A. — Sem dúvida! Foi um marco, não tenho a menor dúvida, aquele sonho de grandeza que não se consumou de imediato, mas ele foi uma semente...

J.J. — Já na década de 1990?

W.A. — [trecho inaudível] Que foi assim, no início da década de 1990 houve o primeiro projeto de futebol profissional aqui do Ideal Futebol Clube, no Bom Jardim. Eles não jogavam no Bom Jardim, eles jogavam seus principais jogos no estádio Ipatingão, depois o projeto não foi a frente, aí até que em maio de 1998 surgiu o Ipatinga Futebol Clube, porque Ipatinga tinha... Como se pode ter uma casa dessa... já uma tradição, já uma cidade tradicional não ter um clube de futebol, aí criou esse... o Ipatinga Futebol Clube, que, em certa época, o Ipatinga... Todo o Ipatinga foi localizado dentro do estádio Ipatingão, a sede administrativa do Ipatinga lá, até alojamento dos jogadores [trecho inaudível] [risos], foi uma aberração.

L.A. — E como era a ocupação do estádio antes do Ideal se profissionalizar, por exemplo, o estádio era utilizado para alguma coisa?

W.C. — Não, obsoleto. O futebol amador fazia lá alguns jogos de final de campeonato, e iam mil pessoas, mil e quinhentas pessoas, mil pessoas dentro do Ipatingão, antes das cadeiras... Hoje, com as cadeiras, a capacidade dele é de vinte e três mil e quatrocentas pessoas. Antes das cadeiras, eram quarenta mil pessoas... Isso era um gato pingado, então tirava o brilho, aquela disputa, aquela disputa ferrenha, além do distanciamento da arquibancada para o campo, [palavra inaudível] então a obra era obsoleta.



J.J. — E hoje? De curiosidade, porque hoje ele também parece estar obsoleto, apesar de ter um time. Nós visitamos lá, Luiza e eu, ficamos um pouquinho assustadas...

W.C. — Com a questão da depreciação, né?

J.J. — É.

W.C. — Ele está necessitando de outra reforma.

J.J. — É, mas é porque também não tem uso frequente... Tipo, vai ter um show hoje, mas os shows são esporádicos.

W.C. — Não. Show lá tem anos e anos que não tem show, acho que o último show que teve lá foi o do Mamonas Assassinas.

L.A. — [risos] Morreram em 1996.

J.J. — Porque a prefeitura junto com o clube... Como é a manutenção?

W.C. — O estádio é municipal. A manutenção do estádio é o “patrocínio” que o poder público dá ao Ipatinga Futebol Clube, porque hoje a lei não permite mais que a administração pública repasse dinheiro direto para a equipe profissional... até meados dos anos 2000 se podia fazer; de 2010/2012 para cá não se pode, improbidade administrativa. Então a participação da prefeitura no Ipatinga Futebol Clube é a manutenção do estádio Ipatingão e o custeio daquele monstro, e do pessoal que trabalha no dia, os porteiros, o pessoal da limpeza, que não é barato, manutenção de um estádio daquele por mês não é menos de cinquenta mil reais não.

L.A. — E pensando nessas dificuldades e no pouco uso, como você avalia esse equipamento hoje para a cidade e a importância que ele tem para o futebol local?

W.C. — Eventualmente ainda acontecem jogos de final de futebol amador lá ainda, quando se é um jogo de maior apelo... ainda se leva para lá, a Liga de Desportos de Ipatinga ainda



leva os jogos para lá. No mais, o Ipatingã chegou a ser utilizado o ano inteiro no auge do Ipatinga Futebol Clube... Ipatinga surgiu em 1998. Em 1999, ele passou a disputar, estava na terceira divisão do mineiro, passou para a segunda e, em 2000, para a primeira divisão do mineiro. Depois começou a disputar a Copa do Brasil também, depois Série C do Brasileirão... ele tinha calendário o ano inteiro, isso aconteceu até 2012. Ele teve aí um período de doze anos de utilização plena. O Ipatinga tinha o chamado “calendário de fevereiro até novembro”, por exemplo, então tinha jogos o ano inteiro. Depois, o Ipatinga entrou em derrocada por razões administrativas e o time caiu. E, agora, nesse ano de 2021, ele subiu novamente para a primeira divisão do campeonato mineiro, vai disputar... em 2022 ele subiu, desculpa! Em 2023, ele vai disputar a primeira divisão do campeonato mineiro e traz um apelo maior, né? Mas é um calendário só de fevereiro a abril também, se ele classificar, se ele tiver uma boa performance no campeonato mineiro... em 2024, ele pode vir a disputar a quarta divisão de campeonato brasileiro, uma Copa do Brasil, o que daria uma utilização do estádio de no mínimo de sete a oito meses.

J.J. — E o público como que é? O público aqui, a população vai nesses jogos?

W.C. — Sim, o Ipatinga...

J.J. — Tem público?

W.C. — Tem. O Ipatinga, nesta reta final de campeonato mineiro, 2022, nos jogos mais decisivos dele... deu doze mil pessoas, treze mil pessoas, e não pode por mais, porque a VCB... o laudo do corpo de bombeiros, ele não permite hoje... a federação não libera mais de onze mil ingressos, o laudo do Ipatingã não permite, porque aí para fazer isso tem que colocar câmeras de segurança, para onze, doze mil espectadores tem que colocar câmera de segurança, aí o custo operacional é muito mais alto, mas todos os jogos foram de grande público... O Ipatinga fez, ele jogou, da primeira fase ele jogou seis, ele fez aqui dez, onze jogos em casa, desses onze jogos em casa, te afirmo que seis ou sete foram de público acima de cinco mil pessoas.

L.A. — Das nossas perguntas aqui a gente [palavra inaudível], você tem alguma pergunta a mais Júlia?

J.J. — Acho que seria bom pegarmos alguns nomes com ele já, né?

L.A. — Pode ser.

M.P.G. — Tenho uma pergunta para fazer: durante a construção do Ipatingão, na gestão do João Lamego Netto, teve um pedido de verbas suplementares...

W.C. — Suplementação de verbas, ahn?

M.P.G. — Isso! Teve até uma notícia no jornal também que vários políticos comentaram sobre isso, se liberavam ou não, e liberou... só que depois parece que foi responsabilizado por essa liberação de verbas, você sabe alguma coisa sobre isso?

W.C. — A liberação tinha que passar pela Câmara Municipal. Ele tinha forte oposição... essa disputa política que ele tinha na Câmara Municipal. O Brommonschenkel, que era candidato dele então, era vereador... ele tinha oposição dentro da Câmara... ele sabendo que o aporte financeiro para o estádio... iria trazer dividendo para aquele candidato, aquele vereador... o Luiz Carlos Brommonschenkel. Daí porque houve um embate político, mas ele atropelou. O Lamego... ele não teve direito político cassado, nem nada. Posteriormente, ele chegou a ser candidato a vice-prefeito de Ipatinga, foi deputado estadual, candidato a prefeito posteriormente, os direitos políticos não foram suspensos em razão disso não, foi realmente uma querela política, uma disputa política interna. Ele foi deputado estadual de... final dos anos 1980 e início de 1990, se não me engano, pouco depois que ele saiu da prefeitura.

L.A. — Antes dessa conferência de nomes, tem alguma outra coisa com relação a esse contexto de futebol, das obras do estádio que você acha que seria legal acrescentar? Que a gente não te perguntou?

W.C. — Em específico da obra ou de que que seria?



J.J. — Eu acho que da obra... do período da inauguração, alguma outra coisa que a gente não te perguntou e que você acha importante mencionar.

W.C. — O episódio que eu falei da inauguração foi aquela disputa da USIMINAS com [palavra inaudível], que teve que fazer uma seleção amadora de Ipatinga de última hora. Os jogadores estavam mais para torcida, quase pedindo autógrafa para os jogadores do Cruzeiro [risos] do que jogando, coitados, houve diversos lances assim... o Cruzeiro tinha um ponta-direito chamado Carlinhos Sabiá, ele até hoje é empresário de futebol, até hoje ele negocia jogadores por aí. Ele pegou um lateral-esquerdo até recém-falecido, o Lúcio, chamado Lúcio Piranha, um bom lateral, ele driblava o Lúcio para lá, aí o Lúcio levantava, o Lúcio tentava bater nele e não conseguia, virou tipo assim... parecendo uma coisa de uma arena de tourada, não de futebol, muito marcante. Depois ele até parou de fazer as “firulas”, o treinador pediu até para parar, porque estava parecendo que ele estava virando um chacota assim do... Era uma disputa assim, completamente desigual, era amador contra profissional literalmente. Teve, até na época... foi até vereador depois, João do Oriente, tive com ele recentemente, o Nivaldo era zagueiro da Seleção de Ipatinga, cabeludão, um bigode grande, colocava respeito, driblava ele caía sentado, não sei o que “resolve esse bigode seu, esse cabelo”, ele tentava bater, nem tentar acertar... dar aquele famoso carrinho, ele não conseguia, foi assim, um episódio marcante. E eu tô querendo descobrir até hoje a bola do jogo, ela correu com os jogadores assinando, a Seleção de Ipatinga assinando, eu assinei nessa bola, nunca vi onde essa bola foi parar. O presidente Raimundo Bento Barbosa, Zé do Povo, colocou essa bola debaixo do braço, ninguém sabe onde foi parar até hoje. [risos] Seria uma peça de museu.

L.A. — Com certeza.

W.C. — A bola que a Usipa jogou contra o Cruzeiro, no Mineirão, que venceu por três a um, está lá na Usipa... a bola murcha tá lá, e com um relato do jogo, os jogadores que atuaram. Um minimuseu da Usipa.

L.A. — Interessante! Esse jogo é da primeira inauguração de 1982, certo?

W.C. — Sim, de 1982.



E.A. — Na inauguração do estádio completo, em 1986, não houve um evento marcado desse tipo?

J.J. — Foi uma competição com quatro times, né? Com o Vasco e...

W.C. — Um quadrangular, isso.

M.P.G. — Vasco, Palmeiras...

W.C. — Atlético e Cruzeiro?

M.P.G. — Não.

W.C. — Em 1986 teve uma disputa de copa, Copa BH de Juniores.

J.J. — Cruzeiro e Atlético Paranaense, e Palmeiras e Vasco.

W.C. — Isso aí foi a equipe de juniores... Foi a primeira Copa BH de Futebol Júnior que foi disputada.

J.J. — Ah, exatamente!

W.C. — Ipatinga sediou uma chave. O então presidente da Liga de Desportos de Ipatinga na época, João Elias Inácio, já falecido, morreu de acidente na BR-381, mais uma vítima... Ele trouxe essa, junto com o Chafic Felipe, que era o organizador dessa copa, era diretor do Cruzeiro na época... trouxe aqui essa chave de disputa. Vários jogadores eram jogadores de dezoito, dezessete anos ainda, depois despontaram no Vasco, como Sorato, como Bismarck. Sorato que fez o gol do título brasileiro do Vasco alguns anos depois; o Lira era lateral-esquerdo; o Luiz Carlos Aliup, lateral-direito do Vasco; o Palmeiras tinha o Toninho Cecílio, que virou jogador do Palmeiras, virou treinador... Eu lembro do Toninho Cecílio quando jogava no Palmeiras, era um zagueiro grande, dele me recordo muito bem.

L.A. — Mas nessa segunda inauguração não tem...

W.C. — [trecho inaudível] Não teve nada.

L.A. — A grande festa foi de fato em 1982...

W.C. — A grande festa foi em 1982, a chamada pré-inauguração... Dia 13 de novembro de 1986 foi para marcar o fechamento da obra, a conclusão dela, que foram os muros em volta, cabine de rádio... que fez esses jogos lá com esse objetivo. Na inauguração, o João Lamego deu o chute inicial, eu fiz essa foto, mas não lembro mais se essa foto...

J.J. — Você tem algumas dessas fotos assim?

W.C. — Desse período não tenho, o arquivo... eu saí do jornal e fui morar fora do Brasil, e quando voltei, demorei alguns anos para voltar, quando voltei, o arquivo... começou essa digitalização, alguém jogou essas fotos fora, um arquivo de ouro.

L.A. — Mas o arquivo digital existe? Tava digitalizando...

W.C. — [trecho inaudível] houve a geração das fotos antigas, não se digitalizou.

J.J. — Se perderam?

W.C. — Se perderam... O prédio do jornal se mudou de local e com a mudança... Enfim, houve duas mudanças nesse período, daí se perderam.

L.A. — Então acervo próprio... esse tipo de coisa assim...

W.C. — Acervo próprio tem de vinte anos para cá.

L.A. — Entendi, então é isso, né? De perguntas que você se lembra é isso.

[FINAL DA ENTREVISTA]